

A GEOPOLÍTICA DO TRÁFICO: O ESTADO DO PARANÁ NAS ROTAS INTERNACIONAIS DAS DROGAS

*Jean Carlos Gomes Vanssan

Resumo

As questões referentes ao tráfico de drogas têm suscitado estudos envolvendo problemas tanto locais (como por exemplo, a estruturação hierárquica de uma "boca-de-fumo"), como os mais gerais e globais (como o debate sobre discriminação das drogas e a articulação econômica entre áreas produtoras e áreas consumidoras). Para a Geopolítica as questões sobre o tráfico de drogas interessam principalmente quando se discutem os territórios dominados pelas forças paralelas que controlam o tráfico e por estarem profundamente relacionadas à questão urbana e aos novos cenários da Geopolítica. Neste sentido, o presente trabalho objetiva demonstrar que o estado do Paraná já tem figurado no cenário das rotas internacionais das drogas, uma vez que a própria geografia do território paranaense, com seus limites territoriais, nacionais ou internacionais, favorece a distribuição e circulação de drogas. Limites esses, que se mostram muitas vezes vulneráveis, quer sejam pelo reduzido número de agentes de segurança pública que atuam na região de fronteira, quer sejam pelas ações cada vez mais audaciosas dos traficantes, com o objetivo de burlar a fiscalização na região fronteira com o estado do Paraná. Para tanto, utilizou-se na pesquisa a coleta de dados referentes às inúmeras apreensões de drogas que foram realizadas no estado do Paraná.

Palavras-chave: tráfico de drogas; território; geopolítica; rotas.

Abstract

The issues relating to illicit drug problems have provoked studies involving both local (such as hierarchical structuring of a "word-of-smoke") and the more general and global (like the debate on decriminalization of drugs and the relationship between economic producing areas and consuming areas). Geopolitics for the questions about drug trafficking matter most when discussing the territories dominated by the parallel forces that control the trafficking and are deeply related to the urban question and the Geopolitics of the new scenarios. In this sense, this paper aims to demonstrate that the state of Parana has already figured in the setting of international routes of drugs, since the very geography of the territory of Paraná, with its territorial boundaries, national or international, promote the distribution and circulation of drugs. These limits, which often show vulnerable, whether the reduced number of public security agents who work in the border region, whether by the increasingly audacious actions of the traffickers, in order to circumvent the surveillance in the border region with Parana. To this end, we used in research to collect data on numerous drug busts that were made in the state of Parana.

Key words: drug trafficking; territory; geopolitics; trades.

* Oficial da Polícia Militar do Paraná, com o título de Bacharel em Segurança Pública, formado pela Academia Policial Militar do Guatupê, no ano de 2001. Licenciado em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória-PR, no ano de 2008. Atualmente em exercício profissional na chefia da Seção de Análise de Provas e Certificados do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças, da Academia Policial Militar do Guatupê, São José dos Pinhais – PR. E-mail: vanssan@pm.pr.gov.br, vanssan@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Tanto o comer, o beber e a atividade sexual são necessidades básicas, cuja satisfação está controlada pelos costumes, religiões e leis. Vale lembrar as leis dietéticas judias fundadas no velho testamento, que proíbem a ingestão de inúmeros alimentos. As drogas participam também desse regime dietético e seu consumo pode ser controlado em razão de preceitos semelhantes, por intermédio dos chamados controles tradicionais e “informais” presentes na cultura do consumo de drogas (MACRAE, 1994).

O consumo de drogas tornou-se uma contrapartida patológica apenas recentemente, com os Estados modernos conferindo aos médicos o poder de prescrever medicamentos e privar as pessoas da liberdade de ingerir certas substâncias psicoativas. Até 1914, nos EUA, as pessoas tinham o direito a autodeterminação e automedicação quanto ao uso de drogas, medicamentos psicoativos ou não, como expressão dos direitos fundamentais da pessoa humana. Qual a razão dessa transformação política e moral? O que representa essa ingerência do Estado na vida privada dos cidadãos, através do controle público de drogas?

A organização de uma delinqüência isolada e fechada não seria possível sem as ações policiais, visando à vigilância geral da população. A ilegalidade e o sistema carcerário especificam o tipo de delinqüência, como efeito direto de uma penalidade para gerir as práticas ilegais, que investe num mecanismo de "punição-reprodução", do qual o encarceramento será uma das peças principais. Assim, numa breve passagem do livro “Vigiar e Punir” (FOUCAULT, 1984), sobre o tráfico de drogas e armas:

Os tráficos de armas, os de álcool nos países de lei seca, ou mais recentemente os de droga mostram que a existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sobre o qual se chega a exercer controle e a tirar um lucro ilícito por meio de elementos ilegais, mas tornados manejáveis por sua organização em delinqüência.

Ao analisar a questão geopolítica do narcotráfico, pode ser percebido que na divisão internacional das drogas cabe aos países mais pobres a produção da maior

parte dos entorpecentes, principalmente nos países da América do Sul onde se produz maconha, cocaína e derivados e nos países da Ásia onde a produção maior é do ópio e de seus derivados (morfina e heroína). Alguns países funcionam como corredores de passagens das drogas, ligando as regiões produtoras aos centros consumidores, como é o caso do Brasil (principalmente pela Amazônia), Venezuela, Paraguai, Irã e México. Os centros de consumo estão localizados nos chamados países ricos, como os Estados Unidos, Canadá, Europa Ocidental, Japão e Austrália. Alguns centros financeiros e paraísos fiscais servem como centro de lavagem de dinheiro, destacando-se a Suíça, as Ilhas Cayman, Hong Kong, Tailândia e as grandes cidades dos países desenvolvidos.

A posição geográfica do estado do Paraná o colocou na rota internacional do tráfico de drogas. A proximidade com o Paraguai e a Argentina e a divisa com as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste deixam o Paraná vulnerável às ações criminosas dos traficantes de drogas.

As polícias Federal, Militar e Civil têm intensificado o combate ao tráfico, mas o obstáculo está justamente no fácil acesso pelas fronteiras e divisas. E mais recentemente também por via aérea.

Além da posição geográfica a tendência é um aumento no consumo das drogas sintéticas (principalmente ecstasy e LSD) – que não se restringe somente à capital paranaense. Pode ser verificado que assim como em Curitiba, outras grandes cidades do Paraná, têm se mostrado um forte mercado consumidor desse tipo de drogas. As facilidades são inúmeras: alta rentabilidade, o processo fácil destas drogas (até num banheiro) e o fácil transporte.

Nesse contexto, a realização do presente artigo visa contribuir para a análise das rotas do tráfico de drogas e de que forma elas têm se estabelecido no estado do Paraná. Utilizando-se como metodologia a pesquisa documental, principalmente através de matérias jornalísticas, foi demonstrado que houve um aumento do consumo de drogas em solo paranaense, e desse modo, relatando as operações policiais que foram realizadas com vistas a coibir o narcotráfico no estado em questão.

1. A GEOPOLÍTICA DO NARCOTRÁFICO

As organizações criminosas ligadas ao narcotráfico recebem nomes de acordo com o local onde atuam. Na América Latina essas organizações são chamadas de Cartéis (Cali e Medellín, por exemplo), nos países Asiáticos são chamados tríades. No Brasil, sobretudo no estado do Rio de Janeiro, são os "Comandos" que controlam a venda de drogas nas "bocas-de-fumo" (Comando Vermelho, Terceiro Comando etc.). Porém, fica evidente uma diferença essencial entre o fluxo de drogas em território brasileiro e a quantidade aqui comercializada, isso porque existem dois "subsistemas" que sustentam o tráfico de drogas brasileiro, conforme SOUZA, 2001.

Surge no contexto do tráfico o subsistema de importação-exportação-atacado, viabilizando as grandes operações de entrada e saída de drogas do país, formando a conexão que liga os cartéis colombianos aos centros consumidores dos EUA e da Europa. Por sua vez, os grandes traficantes atuam nesse subsistema, os quais se articulam com os "facilitadores", como os funcionários dos portos e aeroportos, policiais corruptos, agentes alfandegários etc.

O que garante o comércio de drogas nas cidades brasileiras é o subsistema de varejo, o qual atende aos consumidores nacionais. Esse subsistema engloba as "bocas-de-fumo" localizadas, sobretudo, nas favelas, se aproveitando das condições precárias de vida de seus habitantes para construir um "poder paralelo", com suas escalas hierárquicas definidas. O subsistema varejo coordena o tráfico de diferentes maneiras em diferentes cidades do Brasil; no norte-nordeste, por exemplo, predomina a comercialização da maconha, entretanto os traficantes possuem pouco poder; no sudeste há uma rede intensa de equipamentos sofisticados que garante a comercialização de maconha, crack, mas principalmente da cocaína.

Em contrapartida, os traficantes que atuam em zonas periféricas – as favelas - representam apenas o braço menos rico e refinado do crime organizado, que normalmente morrem ou são presos, com a exceção daqueles poucos traficantes que, mesmo tendo origem favelada, foram capazes de assumir posições inseridas nos subsistemas abordados.

No contexto nacional, o Rio de Janeiro tem como destaque o fato de que a violência se articula com o tráfico, a exclusão social configura territórios demarcados por lideranças locais, exercidas pelo crime organizado. Nesse cenário em que o tecido sócio-político espacial apresenta-se tão fragmentado, formam-se territórios descontínuos: a instabilidade das redes em termos espaciais determina uma territorialidade distinta daquela que é característica de um cartel, como é o caso do jogo do bicho, que, em conformidade com um "pacto territorial", cada bicheiro possui sua área de influência, geralmente, num território contíguo. Já, no caso das organizações do tráfico de drogas, que lidam com o varejo, manifestam-se em uma territorialidade descontínua, podendo formar redes de distribuição.

É possível entender a estrutura local do tráfico nas favelas, quando se verifica a relação mais ampla entre chefes do tráfico, que acabam dando origem aos comandos, articulando relações, baseadas nos fluxos que se dão entre áreas não dominadas, os chamados bairros legais, que se tornam áreas de influência de determinados pontos de venda (bocas-de-fumo). É através dessa análise que se pode entender o impacto sócio-espacial do tráfico de drogas nas cidades e perceber como esse tráfico se aproveita do tecido social desigual para se reproduzir enquanto poder paralelo e força econômica.

A lavagem de dinheiro, o processo mediante o qual o dinheiro obtido por meios ilegais passa à condição de legítimo ou tem suas origens ilegais mascaradas, constitui um problema em si mesmo. Recobre não só os lucros obtidos com o comércio ilícito de drogas, mas também a evasão de capitais, a sonegação fiscal, a corrupção, o contrabando e todas aquelas atividades que buscam escapar do controle e da regulamentação governamental dos estados nacionais.

No processo de lavagem de dinheiro, a economia ilegal atinge seu ponto de bifurcação', deixando para trás sua condição ilegal para passar a integrar a economia lícita. Essa quebra de simetria entre o 'antes' e o 'depois' só é possível graças à alquimia realizada pelo sistema bancário e financeiro, que transforma o dinheiro sujo.

Se o fenômeno do narcotráfico é relativamente recente, pelo menos em termos da magnitude que assumiu no final de século passado, ainda mais recentes são os estudos sobre o tema. Este é um dos fatores que - aliado ao fato do narcotráfico ser uma atividade ilegal e como tal, as informações sobre o tema serem, em geral, estimativas - explica a dificuldade de se conseguir dados, principalmente dados confiáveis. Não que esses dados não existam, mas geralmente estão inacessíveis ao público em geral.

O narcotráfico com a movimentação de dinheiro, portanto, gerou o enriquecimento ilícito de muitas pessoas. Nesse aspecto Arbex Junior afirma que:

O narcotráfico forma um império que movimenta 500 bilhões de dólares anuais. Corrompe políticos e policiais, e compra a indústria e o comércio de países inteiros. Seus consumidores são homens e mulheres de todas as idades e profissões. As máfias do narcotráfico formam “Estado dentro do Estado”, com suas próprias leis e exército. Isso acontece também na Amazônia, principal produtora de folha de coca, matéria-prima para produção de cocaína. Ali estão concentrados os mais poderosos grupos de comércio de drogas. A guerra movida por Washington contra os narcotraficantes da Colômbia, Bolívia, Peru e Brasil tem uma dimensão geopolítica: quem controla a Amazônia? A “guerra ao narcotráfico” envolve mais do que interesses econômicos e morais. (ARBEX JR, 1993, p. 45).

Apesar da importância e do interesse que desperta o caráter de globalidade dos sistemas bancário e financeiro, esse mesmo caráter pode ser identificado nos processos de lavagem de dinheiro, e mesmo nos circuitos comerciais da droga. Implicando na liberação de enquadramentos regulatórios de base territorial como aqueles do estado-nação, o termo global designa algo abstrato, cuja materialidade e complexidade só pode ser apreendida no lugar (SANTOS, 1996; LAW,1994).

Então não seria interessante a discussão sobre a legalização das drogas a fim de colocar um ponto final nos elevados índices de violência que estão intimamente ligados ao narcotráfico? A própria ONU afirma que não, pois mantém a defesa da criminalização do comércio de drogas em relatório que fora divulgado no ano de 2009. Em matéria veiculada pela Gazeta do Povo, transcrita abaixo, vemos que:

A tese defendida pela entidade é de que a legalização não ajudaria no enfrentamento ao crime organizado, nem melhoraria o comportamento dos usuários. “Haveria sim uma epidemia do uso de drogas”, disse o representante do Escritório da ONU sobre Drogas e Crime no Brasil e Cone Sul, Bo Mathiasen.

Ele citou como exemplo o álcool e o tabaco. “O consumo global dessas substâncias cresce justamente porque elas são legais. Só isso já nos oferece uma pista do que pode acontecer”. (GAZETA DO POVO, 25/06/2009, p. 23).

Segundo essa mesma reportagem, Mathiasen afirmou que não existe qualquer nação no mundo que se posicione oficialmente contra o atual sistema de combate às drogas que foi proposto em relatório pela ONU. Há sim, uma defesa da criação de políticas de prevenção e repressão sistematizadas, capazes de inibir o comércio de entorpecentes.

2. O BRASIL E A REDE DE NARCOTRÁFICO

A localização das áreas produtoras e das linhas de tráfico nos induzem a pensar que o domínio do comércio é exercido pelos países produtores, o que não é exatamente a verdade, tendo em vista que as redes de distribuição nos países consumidores detêm a maior parte dos lucros.

A Europa oriental, a região ao sul e leste do Mediterrâneo, o Brasil e a Nigéria, além do México tem se distinguido como áreas de trânsito. Em quase todos os casos, os traficantes fazem uso de meios de transporte intermodais, escondendo a droga em *containers* ou em outros tipos de carregamento deslocados pela marinha mercante, por caminhões ou ferrovias. O uso de aeronaves, tanto de carga como comerciais, também é freqüente.

O predomínio dos países industrializados como áreas produtoras de drogas sintéticas, principalmente aqueles países que contam com importante indústria farmacêutica. O termo “drogas perigosas”, utilizadas pelo DEA e outros órgãos de repressão ao tráfico se refere, precisamente, a uma ampla categoria de substâncias

ilegalmente manufaturadas, que não seja cocaína, heroína e marijuana. Inclui alucinógenos, como o LSD, depressivos e estimulantes, como as metanfetaminas, que podem ser fabricados em laboratórios clandestinos ou legais, dependendo do país. Nos Estados Unidos, por exemplo, o uso desses produtos é considerado como “abuso de droga”, e não uso de droga ilícita, uma vez que são produtos resultantes da transformação de matéria prima industrial, ou seja, de produtos originalmente farmacêuticos ou então de combinações entre produtos farmacêuticos legalmente adquiridos (DEA, 1995).

A inserção do Brasil nos esquemas internacionais de lavagem de dinheiro não é recente nem pode ser atribuída à expansão do trânsito de drogas ilícitas em seu território. Entre as condições favoráveis à essa inserção é possível mencionar: o processo inflacionário da década de 80, que se estende até 1994; a crise fiscal e institucional do Estado, que acentuou a instabilidade do sistema de crédito e, de modo geral, das regras de condução da economia; o crescimento do mercado informal de trabalho e de pequenas empresas que ainda subsistem a base do contrabando e da sonegação fiscal.

Embora recente no processo histórico no Brasil, nota-se como o narcotráfico acabou se enraizando no país. As fronteiras brasileiras como países produtores de drogas, muitas vezes sem barreiras físicas constituídas favoreceu sobremaneira a entrada, o envio e a comercialização em solo nacional.

Em todo o mundo, apenas três países produzem cocaína – e todos fazem fronteira com o Brasil. O Paraguai, que também é nosso vizinho, é o principal fornecedor mundial de maconha. (REVISTA VEJA, 10/01/2007, p. 57).

Se o fenômeno do narcotráfico é relativamente recente, pelo menos em termos da magnitude que assumiu no final de século passado, ainda mais recentes são os estudos sobre o tema. Este é um dos fatores que - aliado ao fato do narcotráfico ser uma atividade ilegal e como tal, as informações sobre o tema serem,

em geral, estimativas - explica a dificuldade de se conseguir dados, principalmente dados confiáveis.

A inserção do Brasil e de sua porção amazônica no negócio internacional das drogas se faz por intermédio do complexo coca-cocaína. As principais áreas produtoras de coca estão localizadas na borda ocidental da grande bacia de drenagem do rio Amazonas, nos altos e médios vales de seus formadores e afluentes (Huallaga, Ucayali, Apurimac no Peru; Beni, S.Miguel na Bolívia; Putamayo, Caquetá, Uaupés na Colômbia).

Ao analisar a logística do tráfico de drogas, pode ser verificado que as grandes bacias hidrográficas sul-americanas, tanto a Amazônica como a do Paraguai-Paraná, têm se constituído numa importante alternativa para a criação de um sistema de transporte para o tráfico de drogas. É importante salientar que, apesar das dificuldades para a navegação fluvial, durante séculos essas bacias constituíam a principal via de comunicação no interior do continente sul-americano.

Outro aspecto a mencionar é que tanto a rede de transporte aéreo como rodoviário na América do Sul se restringem às rotas intercontinentais e aos aeroportos oficiais. Uma malha, mesmo que precária de caminhos e estradas secundárias, além de pistas de aterrissagem em fazendas e povoados, disseminados pelo interior do continente, demonstram que, ao lado de uma estrutura de rede formal, existe uma outra, considerada "informal". Se é sabido que o tráfico de drogas aproveita-se de ambas, desconhece-se até que ponto as organizações ligadas ao tráfico são responsáveis pela manutenção e ampliação dessa malha secundária.

Os principais corredores e rotas do tráfico entre os países andinos e o Brasil, e a rede virtual de pontos de trânsito e áreas de processamento demonstram a dimensão da rede logística do comércio da droga. Destaca-se que a associação entre tráfico de drogas e contrabando é também válida para o Brasil. Rotas e corredores utilizados pelo tráfico têm mão dupla, servindo para o contrabando de ouro, produtos eletrônicos, mercadorias (café, soja), carros roubados, trocados por coca, cocaína, armas ou produtos industriais.

Diversas fontes de informação (relatórios da Polícia Federal e do *Drug Enforcement Administration* (DEA); boletins da *Organisation Geopolitique des Drogues* (OGD); artigos, livros, revistas e jornais diversos, tanto nacionais como estrangeiros) apontam pra um novo mapeamento das rotas e a provável localização dos laboratórios como para estabelecer quais as condições geográficas mais favoráveis para que uma cidade se torne centro de compra e venda por atacado de droga e/ou ponto de trânsito.

A inserção do Brasil na economia da droga também se faz através da venda de produtos químicos utilizados no processo de transformação da folha de coca em cocaína. Apesar deste mercado ser mais atendido pelas indústrias dos países centrais, Estados Unidos, Alemanha, para a indústria de produtos químicos e de combustíveis brasileira, a instabilidade do mercado de consumo doméstico é um incentivo para vendas eventuais aos países andinos, onde a maior parte da folha de coca é processada.

Também as drogas de origem orgânica estão sendo cultivadas em países tradicionalmente considerados como consumidores. Plantações de *Cannabis sativa*, por exemplo, podem ser encontradas na Califórnia, uma importante região produtora de marijuana, assim como nos estados de Alabama, Havaí, Kentucky e Tennessee, abastecendo cerca de 25% do mercado norte-americano, e isso apesar da repressão empreendida nos últimos anos pelos organismos federais dos Estados Unidos. Observa-se que quantidades significativas de marijuana têm sido produzidas em ambiente doméstico, com o uso de sofisticadas técnicas de cultivo (DEA, 1995).

Por outro lado, países classificados como área de trânsito da droga estão abrigando laboratórios de processamento e registrando o aumento do consumo de diversos tipos de droga. No caso do Brasil, a valorização da moeda tornou mais atrativo o mercado interno brasileiro, implicando na reorganização de redes de distribuição no atacado e no varejo. Também foi constatado que o crescimento do tráfico pode ser uma das razões para o crescimento do número de usuários de drogas injetáveis infectados pelo vírus da AIDS - Síndrome da Imunodeficiência

Adquirida - nas cidades médias do Sudeste do país, alterando o anterior padrão de concentração em áreas metropolitanas (BASTOS, 1995).

O padrão de localização dos lugares de beneficiamento de matéria prima tanto agrícola como industrial é, em princípio, semelhante, ou seja, os laboratórios estão preferencialmente localizados nos países produtores de matéria prima. Contudo, não é rígido: no Brasil, por exemplo, que não pode ser considerado como país produtor de coca, existem indícios do aparecimento de laboratórios de refino de pasta de coca, principalmente nas áreas próximas à Bolívia e Peru.

A distribuição geográfica das áreas de produção de coca e de papoula mostra um certo padrão de concentração. No Sudeste e Sudoeste da Ásia estão concentradas as principais áreas produtoras de papoula enquanto as áreas limítrofes da bacia amazônica na América do Sul (Colômbia, Peru, Bolívia, Equador) concentram as plantações de coca. As áreas de produção de *cannabis*, contudo, são dispersas entre diversas regiões das América, África e Ásia, uma vez que é uma planta adaptável a uma grande variedade de condições geo-ambientais.

2.1. O Narcotráfico e o caso paranaense

No tocante ao uso alternado de diversas redes de circulação, chama a atenção o fato de que os traficantes se utilizam de rotas fluviais, aéreas e terrestres ou uma combinação destas, uma vez que:

Segundo a polícia paraguaia, grande parte da maconha cruza a fronteira em pequenas quantidades, geralmente em barcos e lanchas, via rio Paraná, em um sistema de “tráfico formiguinha”. (GAZETA DO POVO, 08/05/2002, pg. 17).

Ao delimitar o tráfico de drogas para a análise do território paranaense, pode-se notar que é um dos estados brasileiros mais utilizados por traficantes para o transporte e a distribuição, principalmente da maconha a outras regiões do país,

graças à facilidade de entrada ilegal pela fronteira com o Paraguai, país onde se inicia a rota do tráfico. Na região fronteiriça com o território paraguaio, verifica-se que a reserva de Itaipu e as estradas de acesso ao país, desviadas das rodovias fiscalizadas, dificultam as apreensões de drogas.

Depois que a droga entra no Paraná, a rota mais utilizada pelo tráfico de maconha é a BR 277, no trecho entre Foz do Iguaçu e Guarapuava, destacando-se as cidades de Céu Azul e Cascavel. (GAZETA DO POVO, 09/03/2006, p. 72).

O mapa seguinte nos dá uma visão de como as rotas internacionais de drogas se estabelecem em território paranaense:



Fonte: Polícia Federal, Ministério Público Federal e UNODC

Infografia: Gazeta do Povo

A fim de melhor ilustrar de que forma essas rotas estão estabelecidas em território paranaense, além de mostrar o “poder criativo” dos traficantes, a fim de burlarem a fiscalização, pode-se citar uma reportagem veiculada pelo jornal Tribuna do Paraná, com o seguinte título: “Perto de quatro toneladas de cocaína são apreendidas no porto”.

A Polícia Federal e a Receita Federal, com colaboração da Interpol (Polícia Internacional), realizaram, ontem, no porto de Paranaguá, a segunda maior apreensão de cocaína no País e maior da história do Paraná (...) os agentes pesaram mais de três toneladas de drogas e o volume pode ultrapassar quatro toneladas de cocaína pura. A quantidade perde somente para outra, no interior do Tocantins, em junho de 1994, de 7,5 toneladas. (...) A droga estava escondida em uma carga de pallets (fardo de madeiras amarradas), em cinco contêineres – com madeira e compensado que seguiriam para a Romênia (...) a droga foi avaliada em mais de R\$ 300 milhões. Na Europa, cada tablete, em média com 1,2 quilos, custa R\$ 80 mil. (...) O produto pode ter vindo da região da fronteira do Brasil com a Bolívia. (...) Todos os tablets continham três brasões diferentes e a PF acredita que sejam símbolos dos três grandes cartéis produtores da cocaína. Há cerca de uma semana uma carga de 1,2 toneladas de cocaína, que partiu do porto de Paranaguá, foi apreendida na Romênia, no porto para onde a carga ontem apreendida tinha destino. (TRIBUNA DO PARANÁ, 06/02/2009, pg.12).

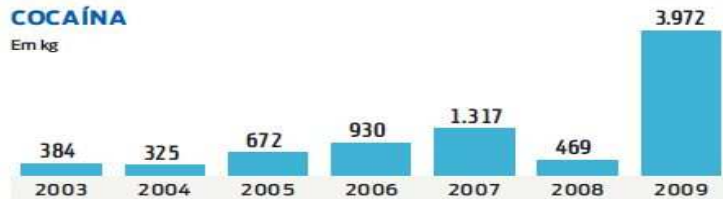
Porém, hoje em dia, já é notório que os traficantes estão se utilizando cada vez mais de rotas alternativas. Nesse entendimento, verifica-se que quando os traficantes de drogas têm prejuízos em determinadas rotas, devido às ações policiais cada vez mais freqüentes, acabam, então, buscando novos caminhos. Isso fica evidenciado como mostra no próximo mapa:

MAPA DAS DROGAS

A apreensão de cocaína cresce no Paraná, enquanto da maconha está em queda.

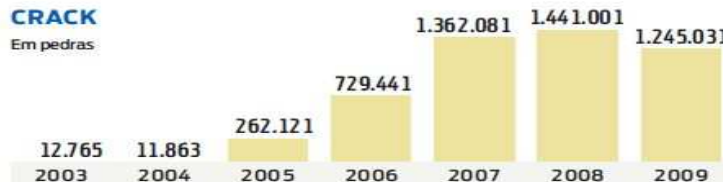
COCAÍNA

Em kg



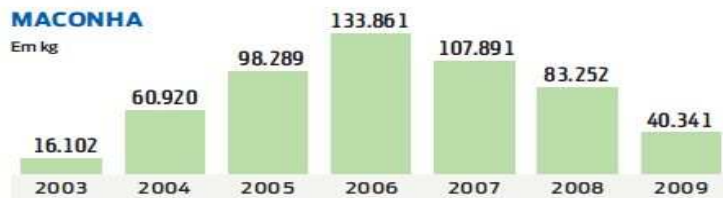
CRACK

Em pedras



MACONHA

Em kg



Obs.: Dados de 2009 foram compilados até dia 4 de dezembro

ROTA DA COCAÍNA

A droga vem da Bolívia e do Peru, que incrementaram a produção.



Fonte: 181 Narcodenúncia

Infografia: Gazeta do Povo 25/06/2009

Para que as drogas sejam distribuídas nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os traficantes estão explorando uma nova rota que se inicia próximo à cidade de Cascavel, vindo em direção aos municípios da região Sudoeste do Paraná, como Lindoeste, Capitão Leônidas Marques, Pato Branco, Palmas e por fim, chegando no extremo sul paranaense, na região de União da Vitória, sendo

favorecida por sua situação geográfica, possuindo um entroncamento de rodovias federais em condições de trafegabilidade, tais como: BR 153 (Rio Grande do Sul a São Paulo), BR 280 (que tanto pode abastecer a cidade de Curitiba, como também servir de rota para distribuição na cidade de Joinville e daí até o porto de São Francisco do Sul) e, finalmente, a BR 476 (que chega também à cidade de Curitiba ou se une a uma rodovia estadual, já no município de São Mateus do Sul, podendo-se chegar até a região de Ponta Grossa e aí também efetuar a distribuição das drogas).

Outro aspecto relevante nos mostra que o consumo de drogas sintéticas (principalmente LSD e ecstasy) no Paraná tem aumentado, manifestado dentre outros fatores, também devido à posição geográfica que o estado ocupa.

O delegado Cassiano Alfiero, do Núcleo de Repressão ao Tráfico de Drogas, é mais específico: "Claro que a questão geográfica influi, e o consumo no Paraná é cada vez maior, mas as constantes festas de música eletrônica realizadas no estado contribuem para a venda da droga - principalmente ecstasy e LSD". Os locais de venda não se restringem somente as raves. "Já localizamos como pontos de venda bares e casas noturnas, lugares freqüentados por jovens de classe média e alta, que são os maiores consumidores das drogas sintéticas", afirma Alfiero, que coordenou a ação "Conexão Barcelona", na qual foram presas seis traficantes que moravam em bairros nobres da capital. (GAZETA DO POVO, 19/03/2008, p.68).

Os traficantes têm se utilizado cada vez mais de meios alternativos no que diz respeito ao comércio de drogas sintéticas, principalmente no Paraná, drogas essas, que até então eram importadas da Europa e dos Estados Unidos. Hoje já se tem notícia da fabricação de ecstasy na região de Curitiba, como noticiado em matéria jornalística na Gazeta do Povo:

Dois homens foram presos em flagrante, na tarde desta sexta-feira (11), com aproximadamente mil comprimidos de ecstasy. A prisão foi feita pela Polícia Federal (PF), em Pinhais, na região metropolitana de Curitiba. Além dos mil comprimidos prontos, os policiais encontraram material pra produzir mais dois mil comprimidos. (...) De acordo com a PF, o local servia como um laboratório para fabricar a droga sintética. No barracão, os policiais também encontraram

óleo de safrol, principal elemento para produzir a droga. A PF recebeu uma denúncia e investigava os suspeitos há 30 dias. (...) De acordo com a Polícia Federal, um comprimido de ecstasy chega a custar R\$ 50 em casas noturnas. (GAZETA DO POVO, 24/06/2009, p.21).

Como justificativa para o aumento das operações policiais com vistas às apreensões de drogas sintéticas em solo paranaense verifica-se em matéria veiculada pelo jornal GAZETA DO POVO que:

O delegado da PF e hoje secretário Antidrogas de Curitiba, Fernando Francischini, um dos responsáveis pela prisão do megatraficante colombiano Juan Carlos Ramirez Abadía, justifica a inclusão de Curitiba no cenário do tráfico internacional de drogas por causa da estrutura da cidade. "Temos um Aeroporto Internacional (Afonso Pena), a proximidade com três dos principais portos do país (Santos, Paranaguá e Itajaí), grandes rodovias que cortam o Brasil que dão acesso aos países de fronteira (Paraguai, Bolívia) e no interior do Paraná temos cravejados aeroportos clandestinos", descreve. A tendência do uso de drogas sintéticas, dita por Mesquita, é compartilhada pelo secretário. "Curitiba é uma cidade rica. Essa droga é consumida pela classe média e alta", completa. (GAZETA DO POVO de 19/03/2008).

Então, o que se verifica é que geralmente, esses traficantes de drogas sintéticas são jovens que acabam se dedicando quase que exclusiva e diuturnamente ao comércio de entorpecentes, onde auferem rendimentos que possibilitam um padrão de vida sedutor para a maioria dos jovens de sua idade. Esses traficantes acabam contratando pessoas que vão trabalhar como "mulas" para transportar cocaína para a Europa, principalmente para a Holanda, de onde trazem drogas sintéticas para vender no Brasil.

CONCLUSÃO

Por conclusão considera-se que o comércio ilícito de drogas depende da interação mundial do sistema financeiro e do ponto de vista geográfico evidencia-se os processos de transnacionalização, a formação dos mercados mundiais e o papel dos Estados Nacionais no que concerne a gestão do território e de suas fronteiras.

O uso 'desordenado' das redes de circulação pelo tráfico - no sentido de uso alternativo de rotas e de um sistema de transporte (aéreo, rodoviário, fluvial, ferroviário) - busca uma "desordenação ótima", em que o controle organizacional opera a nível mínimo e as interações com o ambiente são instáveis. Parece ser esse o caso da rede de tráfico de droga: exigências organizacionais e razões de segurança ditam a escolha dos atores, mas o comportamento adotado no deslocamento da mercadoria depende de sua sensibilidade e nível de informação, que podem ser considerados, nesse caso, como variáveis aleatórias. Se, de um lado, a relativa 'desordem' na escolha das rotas e meios de transporte é parcialmente superada pela adoção consentida de um rígido e violento código de conduta por parte dos atores, o mesmo não se aplica à cadeia produtor-consumidor do tráfico.

Talvez, a única maneira de superar a oscilação inerente ao uso das redes seja intensificar a interação com o ambiente, isto é, com instituições legítimas e comunidades locais. Quando esse tipo de comunicação é estabelecida, mesmo que essa interação esteja baseada na corrupção, a rede, em princípio instável, pode ser mantida em 'estado estável', indicando que, ao contrário do senso comum, a natureza dos subsistemas que compõem o negócio da droga é análoga a dos 'sistemas abertos'.

Com a análise das redes ilegais percebe-se que o Brasil possui uma posição diferenciada no narcotráfico, quando o Brasil atua como transformador da pasta de coca e distribuidor, ou seja, o território brasileiro é usado como parte da rota. O que nos chama a atenção é que o estado do Paraná tem se transformado num importante corredor de distribuição de drogas, principalmente de cocaína e maconha. Justificado, como restou comprovado através das diversas reportagens

jornalísticas que foram citadas no transcorrer da confecção do presente artigo, em razão da sua posição geográfica, com sua região fronteira com países que ocultamente subsidiam as ações do narcotráfico.

A ampliação deste trabalho com a superação das limitações apontadas é tópico importante, por exemplo, para o aprofundamento de estudos que visem fundamentar a formulação de políticas públicas relativas às ações de combate ao narcotráfico.

REFERÊNCIAS

- ARBEX JR, José. *Narcotráfico: um Jogo de Poder nas Américas*, São Paulo, Moderna, 2001;
- BASTOS, F.I. *Ruína e reconstrução: Aids e drogas injetáveis na cena contemporânea*, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, E.N.S. P/Fiocruz, 1995
- DEA (Drug Enforcement Administration/U.S.Dept.Justice. "Asian Money Movement Methods" (1994), publicado em *Burma Debates*, p.29-36, feb.-mar. 1995.
- DEA. *National Narcotics Intelligence: The supply of illicit drugs to the United States*, Washington, August, 1995
- LAW, J.(1994). *Organizing Modernity*, Oxford, Blackwell
- MACRAE, Edward - "A importância dos fatores socioculturais na determinação da política oficial sobre o uso ritual de ayahuasca"; In: Zaluar, Alba (org.)- *Drogas e Cidadania - repressão ou redução de riscos*. 1994, São Paulo, ed.brasiliense, p.31-45.
- MACHADO, L.O. (1996). "A geografia das drogas", Mimeo, UFRJ;
- MACHADO, L.O. (1996). "O comércio ilícito de drogas e a geografia da integração financeira: uma simbiose?" em I.Castro et alli, (org), *Brasil. Questões atuais da reorganização do território*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, página 15-64.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir - história da violência nas prisões*. Petrópolis/ RJ, ed. Vozes, 3ª ed., 1984, p.246.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento*. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116.
- SANTOS, M.(1996). *A natureza do espaço*, S.Paulo, Hucitec.
- SANTOS, M. *Técnica. Espaço Tempo.Globalização e meio técnico-científico informacional.*, S.Paulo, 1994;
- _____ GAZETA DO POVO, de 08/05/2002, p. 17
- _____ GAZETA DO POVO, de 09/03/2006, p. 72
- _____ GAZETA DO POVO, de 19/03/2008, p.68
- _____ GAZETA DO POVO, de 24/06/2009, p.21
- _____ TRIBUNA DO PARANÁ, de 06/02/2009, pg.12

_____ GAZETA DO POVO, de 25/06/2009, p. 23

_____ REVISTA VEJA, de 10/01/2007, p. 57

_____ www.gazetadopovo.com.br, site acessado em 10 de dezembro de 2009, às 15h00min.